

“PARA NÃO SE ORIGINAREM RIXAS ENTRE OS ÍNDIOS...”

Padre Antônio SEPP, SJ

Chegados ao sítio da futura povoação, o primeiro trabalho foi distribuir, proporcionalmente aos membros e números de animais, a cada cacique e família, quintas, terras, montes e matas, para a pastagem do gado, etc. Impunha-se esta necessidade para se evitar brigas e ódio entre os bárbaros, como outrora aconteceu entre os pastores de Abrão e Lot. Assim, pois, dirigi a palavra àquela numerosa massa de silvícolas:

“Meus caros filhos, que sítio de vista tão bela, tão agradável e amena, vos escolhi para a construção da povoação, facilmente o percebeis, se é que percebeis alguma coisa. Coloquei-vos numa encosta aprazível, sobranceira e lavada de todos os ventos. Ao sopé, como num segundo paraíso, vos abriu o Boníssimo Deus quatro fontes muitíssimo salutares, tanto para os homens, como para o gado. Delas emana sem cessar límpidíssima água e, podeis crer, não secarão mesmo na canícula de janeiro pois têm suas nascentes estre perpétuas sombras de árvores frondosas, e as mesmas pedras duríssimas gotejam num perene lacrimejar, que pouco a pouco escorre em arroios e rios. E estes rios, por sua vez, vos sustentam com peixes, ao passo que os arroios lavarão os vossos corpos quando o calor vos torrar o crânio (como o índio possui por natureza muito calor, costuma banhar-se com muita frequência; e em verdade não tem remédio mais eficiente para digerir a carne demasiadamente atulhada no estômago, do que atirando-se imediatamente na água; assim o voraz paraguaio cozinha o boi de arado por antiperístase). No que toca aos montes e bosques, que devem fornecer lenha para o fogo e para aquecer velhos e pequenos, estão até o presente intactos. Abundam em frutos variados; se bem que silvestres, são saborosos ao paladar. O pródigo Deus não quis faltassem as abelhas que fabricam o mel para a mesa e a cera para o uso

litúrgico. Vós mesmos, ontem, vistes com os próprios olhos, quando pisamos pela primeira vez estes campos, matas e vales, quantos veados e cabritos monteses enxotamos das suas moitas e tocas. Descansavam tranquilamente e, à nossa inesperada vinda tornaram a esconder-se, velozes em outras covas mais distantes. Estes e outros muitos cômodos me moveram a escolher esta e não outra terra para estabelecer a vossa colônia. Uma única coisa já vos peço, meus filhos, e é que sem rixas entre vossos pastores e vós mesmos possuiais pacificamente esta terra, que já vou repartir entre vós, segundo o número de cada família”.

Ditas estas palavras, logo todos começaram a aplaudir os meus dizeres, anuindo a tudo. Pus-me, então, a distribuir a cada família terras e montes, bosques e macegais, rios e arroios. Estabeleci um cacique para as bandas do Leste outro para o Oeste; estendi os limites de um para o Sul, e os de outro para o Norte. Logo mandei erigir uma cruz à guisa de marco, designei um outeiro, um bosque ou um rio qualquer para divisa, além da qual não era permitido avançar.

Adivinhará o benévolo leitor quanta terra eu assinei para cada família? Creio que nem o patriarca Abrão nem Lot dispunham de tanto espaço. Somente o campo ou pastagens, onde hoje se nutrem 50.000 vacas (tantas contou hoje, enquanto escrevo isto, o meu músico e procurador; e isto somente nas pastagens de minha redução, sem contar os terneiros que nasceram este ano, pois que cada vaca dá cria uma vez por ano), somente, digo, este campo perfaz obra de quatro dias de caminho, numa extensão de mais de quarenta milhas alemãs. Estes prados são rodeados e fertilizados por caudais maiores que o Eno e o Adige. Verdejam permanentemente com ótima grama, como a que apenas se encontra nos ubérrimos montes da Suíça. Como no Paraguai os campos não se cobrem de neve que creste as ervas, aplicam-se-lhes cada ano fogo para queimar a grama velha e áspera, reduzindo-a a cinza. Esta cinza faz as vezes de esterco, que fertiliza os nossos campos. Pouco depois responta o novo capim que virá a ser para o gado um pasto muito macio e desejado. Para lá os meus pagueiros levam a pastar as tropas de vacas e bois, de cavalos, mulas e gado lanígero.

Numa palavra não permiti que faltassem aos novos colonos campos para o gado, nem montes e bosques para as roças. Logo que reparti as terras pelos caciques e famílias, mandei levantar uma cruz para limite de

seus campos. Antes de sulcarem o solo com o arado e deitarem as sementes, lancei sobre a nova colônia a costumada benção dos campos, para expulsar os demônios que, por causa da infidelidade destes gentios, habitavam despreocupados estes lugares durante tanto tempo e tantos séculos. Imensa era a consolação dos indígenas que, dos próprios fragmentos de terra-cota de panelas que excavavam ao sulcarem a terra e derrubarem os matos, podiam avaliar muito bem o estado deplorável dos seus maiores e a vida cheia de sofrimentos que em seu gentilismo levavam, aqui, no meio destas matarias e espeluncas de feras. Eles, porém, possuíam, como cristãos, a terra de seus antepassados gentios. E onde os impostores faunos infernais por tantos anos davam oráculos enganosos, lá de cima dos troncos das árvores, carcomidas pelo tempo, à guisa de cátedra, ergueram agora os padres da Companhia de Jesus o glorioso estandarte da Cruz.

(**Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**, pp. 207-209. Trad. A. Reymundo Schneider. Belo Horizonte, Itatiaias/São Paulo, Edusp, 1980. Col. "Reconquista do Brasil", v. 21, da nova série).